



CADERNO ESPECIAL
O MINISTÉRIO DE CAETANO
NOGUEIRA JÚNIOR (1856-1909)



“MISSÕES DO PASSADO, DESAFIOS DO FUTURO”

AIPI do Brasil celebrou em fevereiro o tema da missão da igreja e comemorou o “Dia Nacional de Missões” no qual muitas das nossas igrejas levantam uma oferta especial para a obra de evangelização. Não sem motivo. Em 29 de fevereiro de 1856 nasceu Caetano Luiz Gomes Nogueira Júnior, que viria a ser um dos sete ministros organizadores da nossa denominação.

O ministério do Rev. Caetano Nogueira Júnior, diferenciando-se dos seus seis colegas que organizaram a IPI do Brasil em 1903, foi exclusivamente rural, como bem destacou Vicente Themudo Lessa e, depois, Júlio Andrade Ferreira.

Foi o Rev. Caetano um evangelista dos sertões brasileiros - tendo como foco particular o sul de Minas, o interior de São Paulo e Goiás -, típico missionário de tempos muito difíceis para locomoção e comunicação país a fora.

Nesse ambiente de extremas exigências, vicejou de maneira abençoada o ministério de Caetano Nogueira Júnior, o que explica ser ele o patrono das missões na IPI do Brasil e sua data de aniversário o nosso mote missionário.

O Rev. Caetano era natural de Pouso Alegre, MG, filho de Caetano Luiz Gomes Nogueira e de Maria Bárbara Funchal (uma imigrante da Ilha da Madeira, Portugal), ambos católicos.

Na família, era o “Caetaninho”, diminutivo carinhoso que carregou consigo ao longo de todo o seu ministério.

Vivendo no sul de Minas, região montanhosa marcada então por vilarejos, povoados, bem como pelas fazendas e plantações de café, Caetano cresceu no ambiente pobre e despojado de uma família de lavradores, incorporado ao dia a dia da roça.

Em sua infância, a família mu-

dou-se para Caldas, cidade próxima. Foi nessa pequena cidade, no ano de 1872, que Caetano Nogueira Júnior, na flor de seus dezesseis anos, ouviu a pregação cristã em sua versão protestante pela boca do missionário norte-americano Rev. Robert Lenington.

Tal experiência o impressionou. Embora não aderisse à mensagem protestante de imediato, tão logo lhe foi possível o Caetaninho buscou esclarecimentos a respeito do que ouvira da boca do Rev. Lenington, em particular sobre a letra do hino que o missionário cantara e que não saía de sua cabeça.

Um outro pregador protestante - este, brasileiro, Miguel Torres -, que chegava a Caldas para lá fixar residência, foi sua providencial resposta.

Torres conduziu o jovem Caetano Nogueira Júnior a abraçar o evangelho. A partir daí, estabeleceu-se uma relação de grande confiança e amizade entre Torres e Caetaninho. Este último se tornaria companheiro do primeiro em viagens evangelísticas pelo sul de Minas. A inspiração dessa parceria acabaria por levar Caetaninho a se decidir pela carreira de ministro da Palavra.

Nesse tempo relativamente longo de experiências religiosas marcantes e de discipulado sob Miguel Torres, conta-nos Júlio Andrade Ferreira que Caetaninho, em uma das incursões evangelísticas com seu mentor, preocupado também com sua própria manutenção, arrumou emprego de professor primário em uma fazenda na região de Machado.

Nessa mesma cidade, encontrou aquela que viria a ser sua esposa, Maria Generosa Messias.

Embora tais fatos trouxessem ao Caetaninho novas dificuldades para a realização do sonho da vocação ministerial, não foram eles capazes de demovê-lo de sua convicção.

Em meio a essas responsabilida-

des de constituição e manutenção da família, Caetaninho tomou as disciplinas teológicas com o Rev. Miguel Torres em regime tutorial, em simultâneo aos trabalhos evangelizadores.

Caetaninho concluiu sua preparação prestando os exames finais em Nova Friburgo, RJ, sendo então aprovado em seus conhecimentos teológicos e pastorais.

Foi licenciado em Sorocaba, SP, em princípios de 1885.

Sua ordenação ao Ministério da Palavra e dos Sacramentos deu-se em 6 de setembro do mesmo ano.

Ao ser ordenado, contava com 30 anos; não era tão jovem como a maioria dos pastores iniciantes. Tinha esposa e filhos.

Caetano Nogueira Júnior já era homem feito, forjado nas lutas da vida e preparado para enfrentar as dificuldades do ministério rural.

Caetaninho se mostrou um digno discípulo de Miguel Torres, imitando-o em sua dedicação à evangelização da gente simples dos sítios e povoados. Dividiram a responsabilidade pastoral daquele campo. Nesses dias, o sul de Minas foi palco de grande expansão missionária.

Ainda a respeito do ministério missionário de Caetaninho, assim o resumiu o Rev. Benedito Ferraz de Campos, em texto memorial n^o *O Estandarte*:

“A 19 de dezembro de 1887 foi colado pastor de sua querida igreja (São Bartolomeu de Cabo Verde). Mais tarde mudou-se para a Igreja do (Pinhal do) Campestre, evangelizando constantemente o sul do Minas, onde o seu nome é bem conhecido e de gratas recordações; e ultimamente fixara residência no Estado de São Paulo (São Luís do Guaricanga), onde já residia a maior parte da sua família”. *[os parênteses são do autor deste texto]*

O REV. CAETANO NO “31 DE JULHO”

No episódio de surgimento da IPI do Brasil, Caetaninho era o segundo mais velho do grupo de sete pastores fundadores. Contava então com quarenta e sete anos. Só o Rev. Eduardo Carlos Pereira era mais velho do que ele, e por somente um ano.

No concílio que definiu a saída do grupo constituidor da Igreja Independente, Caetaninho foi enfático ao indicar o lado ao qual se alinhava. Opondo-se à filiação de crentes à maçonaria, afirmou que ficava com a Bíblia. À última fala do Rev. Eduardo Carlos Pereira ao Sínodo Presbiteriano,

Caetaninho deixou aquela dolorosa reunião junto com o grupo que se identificava com a plataforma eduardista, na noite do 31 de julho de 1903.

Por sua incontestável liderança, seria de esperar que Eduardo Carlos Pereira ocupasse a presidência do Presbitério Independente, o concílio da nova igreja que se formava na manhã de primeiro de agosto de 1903.

No entanto, para não reforçar a ideia, disseminada amplamente pelos seus opositores, de que visava a ser uma espécie de “papa” da nova denominação, o Rev. Eduar-

do abriu mão dessa honraria em favor do Caetaninho, figura que todos os pastores e presbíteros ali presentes muito respeitavam.

O Rev. Caetano foi, portanto, o primeiro moderador da IPI Brasileira, aclamado unanimemente pelos seus pares.

O mesmo quadro se repetiria em 1908, quando da instalação do Sínodo da IPI Brasileira. Caetaninho foi eleito o primeiro moderador do Sínodo Independente. Atos administrativos que revelam a prioridade missionária desde o princípio de nossa história denominacional.

PARA NÃO REFORÇAR A IDEIA, DISSEMINADA AMPLAMENTE PELOS SEUS OPOSITORES, DE QUE VISAVA A SER UMA ESPÉCIE DE “PAPA” DA NOVA DENOMINAÇÃO, O REV. EDUARDO ABRIU MÃO DESSA HONRARIA EM FAVOR DO CAETANINHO, FIGURA QUE TODOS OS PASTORES E PRESBÍTEROS ALI PRESENTES MUITO RESPEITAVAM



HOMEM SIMPLES, PASTOR SIMPLES

De costumes sem luxo e de vida frugal, o Rev. Caetano Nogueira Júnior pautou seu ministério pelos mesmos valores pessoais que sustentou.

Seus biógrafos afirmam que Caetaninho gostava de cantar e de ensinar hinos. São unânimes em dizer que sabia curar com as plantas e que “receitava” bons remédios caseiros.

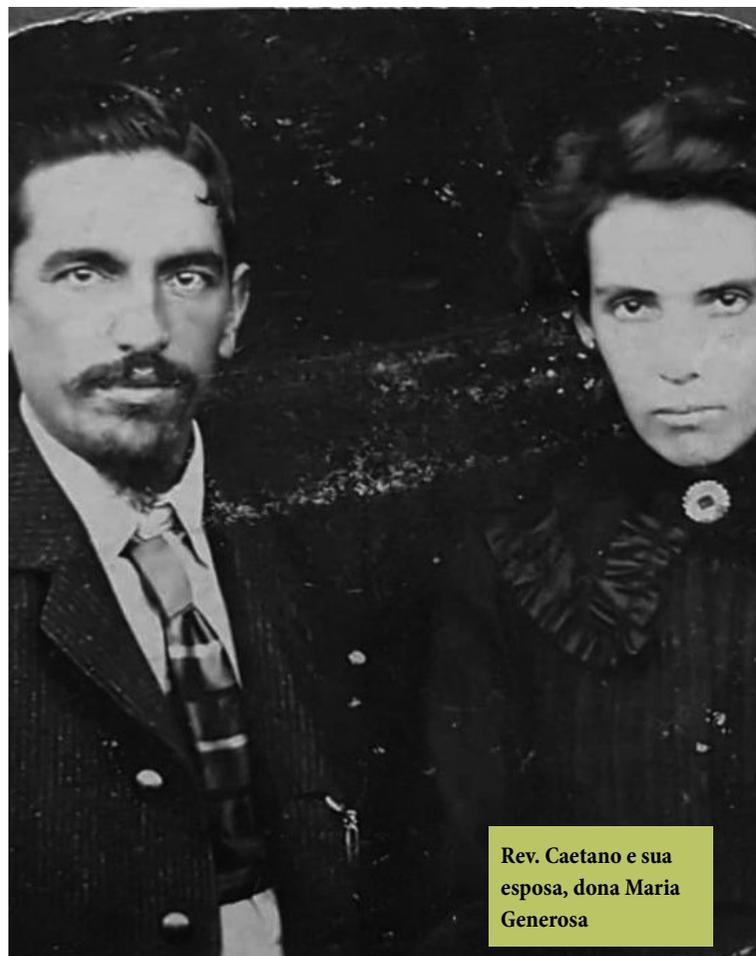
Visitador por excelência, era sempre muito bem recebido e sempre esperado com grande alegria pelas famílias das igrejas e congregações.

Naqueles dias, era costume entre a gente do sítio ter retratos de familiares pendurados nas paredes da casa.

O retrato do Caetaninho era presença frequente nas paredes das casas dos sitiantes, como Júlio An-

drade Ferreira bem sublinhou. Sinal inequívoco de quanto as igrejas rurais queriam bem o Caetaninho e de quanto o respeitavam.

A simplicidade que caracterizou Caetano Nogueira Júnior não significa que rejeitasse o saber. A despeito da falta de formação institucional, era homem que gostava da leitura e que prezava o conhecimento. Se não foi um escritor de livros e artigos como muitos de seus colegas de ministério, é porque sua inteligência voltava-se ao caráter prático do pastorado. A intensidade do ministério sertanejo e a dedicação espartana à causa da evangelização do povo da roça foram a marca distintiva de seu trabalho.



Rev. Caetano e sua esposa, dona Maria Generosa



Rev. Caetano e seu filho Samuel, o caçula. Essa foto histórica, tirada pelo fotógrafo evangélico, Virgílio Ermel, retrata o início da viagem do Rev. Caetano que seria a derradeira, com ponto final em Ariranha

A MORTE DE UM ABNEGADO LUTADOR, MUITO DISTANTE DE CASA

Entre 1903 e 1909, a partir de sua sede em São Luís do Guaricanga, Estado de São Paulo, Caetaninho prosseguiu em suas jornadas rurais, agora no âmbito da Igreja Presbiteriana Independente, nas quais costumeiramente se fazia acompanhar de um dos filhos.

O casal Nogueira constituía prole numerosa: nove homens - Horácio, Ismael, Trajano, Isaías, José, Emanuel, Joaquim, Caetano e Samuel - e uma mulher, Lídia.

Foi exatamente em uma excursão evangelística que Caetaninho partiu. Acompanhado de seu caçula, Samuel, passando pelo distrito de São João do Ariranha (hoje, Ariranha), contraiu um antraz que lhe seria fatal.

Mantendo expectativa de recuperação, Caetaninho não permitiu, por muitos dias, que as pessoas da fazenda onde caíra enfermo avisassem a sua própria família a respeito de seu precaríssimo estado de saúde. Quando finalmente aquiesceu aos apelos dos seus aflitos cuidadores, já não lhe restava mais qualquer possibilidade de recuperação.

Foram quarenta dias de agonia, cercado pelos melhores cuidados da família evangélica que o acolheu, mas sem recursos médicos para combater a insidiosa bactéria.

A infecção inicial tornou-se septicemia. Além de Samuel, que o acompanhava, apenas mais um dos filhos, José, conhecido como Juca, conseguiu chegar a tempo do sepultamento. A esposa do Rev. Caetano, Maria Generosa, acompanhada de Horácio, o filho mais velho, só conseguiram chegar ao local muitas horas depois do corpo já ter sido baixado à sepultura.

Caetano Nogueira Júnior foi o primeiro dos pastores organizadores da IPI do Brasil a falecer, e não poderia ter sido de maneira mais estoica, dedicada, consagrada.

A Igreja Independente tomou

conhecimento da morte do Caetaninho pelo jornal *O Estandarte*, em pequena nota recebida quando o jornal já fechava o expediente: "Registro - Falecimentos: Rev. Caetano Nogueira Júnior. Telegrama da estação de Fernando Prestes acaba de transmitir-nos a dolorosa notícia do falecimento desse nosso dedicado evangelista, no dia 20 a uma hora da tarde: Um antraz maligno o surpreendeu em sua viagem de evangelização e, cercado do carinho de irmãos, deu o seu último e glorioso testemunho sobre a terra...".

N' *O Estandarte* imediatamente subsequente, assim dizia uma das notas, em meio a uma série de artigos de homenagem publicados em número especial: "O Rev. Caetano expirou a uma hora da tarde, no dia 20 de abril, rodeado de muitos presbíteros e crentes que, sabedores de seu estado gravíssimo, tinham afluído à fazenda do irmão José Esteves, ansiosos por levar ao ilustre enfermo a palavra de inteira simpatia e funda amizade. (...) Seus despojos mortais, depositados em um ataúde, foram levados à mão, em procissão solene de quase cem pessoas, à Vila de Ariranha, distante légua e meia do local de seu falecimento. Conduzidos ao cemitério, foram entregues às metamorfoses da matéria, na esperança gloriosa na ressurreição dos últimos dias. Oficiou no enterro o Rev. João Vieira Bizarro. À beira da sepultura, falou José Messias Nogueira, filho do morto, provocando lágrimas das pessoas presentes a essa tristíssima cena" (*O Estandarte*, "Fatos e Notícias", 29/4/1909).

Poucos meses depois, o Sínodo da IPI Brasileira realizou cerimônia póstuma junto ao túmulo de Caetaninho. Contando com a presença da família do saudoso pastor, fixou-se no jazigo uma placa de homenagem, com os seguintes dizeres:

**REV. CAETANO NOGUEIRA JÚNIOR
1856— 1909**

'NUNCA DEUS PERMITA QUE EU ME GLORIE SENÃO NA CRUZ DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, POR QUEM O MUNDO ESTÁ CRUCIFICADO PARA MIM E EU CRUCIFICADO PARA O MUNDO.'

GÁL. VI. 14.

'O MEU MAIOR AMIGO É CRISTO.'

**GRATIDÃO DA IGREJA PRESBITERIANA
INDEPENDENTE**



Homenagem que a IPI fez ao Rev. Caetano junto ao seu túmulo

A DESCENDÊNCIA DE CAETANINHO NA IPI DO BRASIL

A herança espiritual de Caetano Nogueira Júnior também se refletiu na contribuição que seus descendentes deram à IPI do Brasil e ao protestantismo brasileiro de maneira geral. De seus filhos, alguns foram ordenados presbíteros e atuaram como líderes em suas respectivas igrejas.

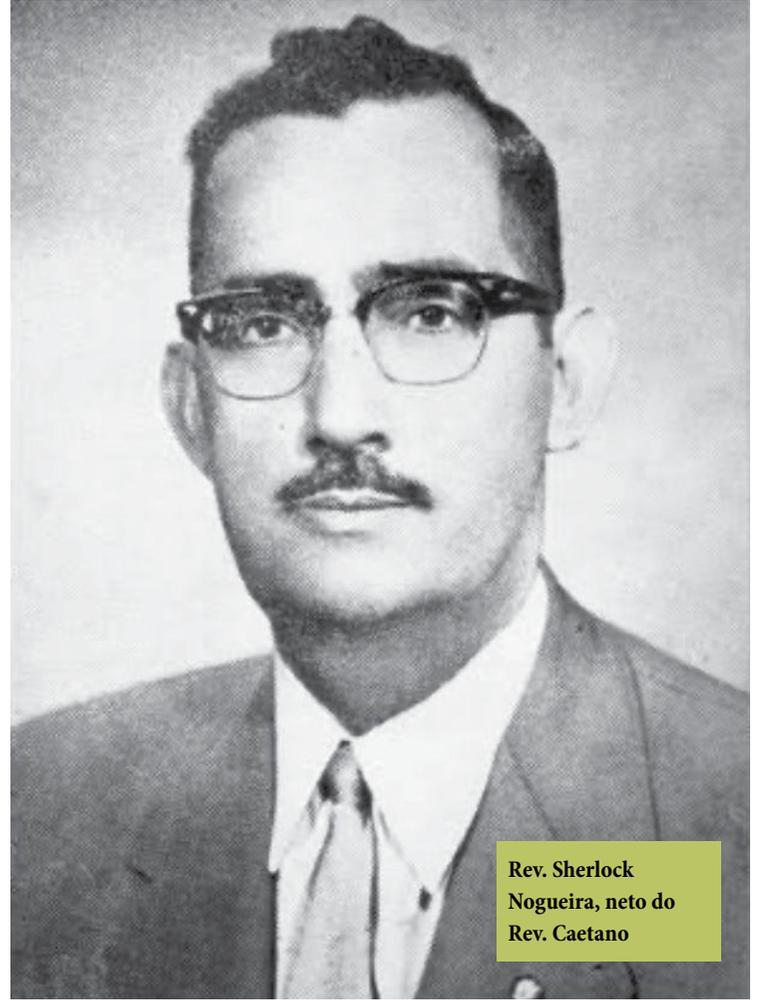
Horácio Messias Nogueira, o filho mais velho, era engenheiro formado no Mackenzie. Foi presbítero muito atuante na denominação. Escreveu dois livros de contos sertanejos com base em experiências reais, mas sempre exaltando o fundamento cristão: *O Índio Penhai* e *Na Trilha do Grilo*. Foi também frequente colaborador

de *O Estandarte* com artigos muito bem engendrados.

Sherlock Nogueira, filho de Horácio e neto do Caetaninho, foi um nobre e dedicado ministro da IPI do Brasil, tendo pastoreado igrejas no Paraná e em São Paulo.

Sherlock era casado com Dina Rossett Nogueira, importante líder da Confederação Nacional de Senhoras da Igreja Independente.

Flávio Rossett Nogueira, filho do casal, médico de profissão, foi vice-presidente muito atuante da Confederação Nacional do Umpismo no início dos anos 1970. Era também um excelente pregador ao púlpito.

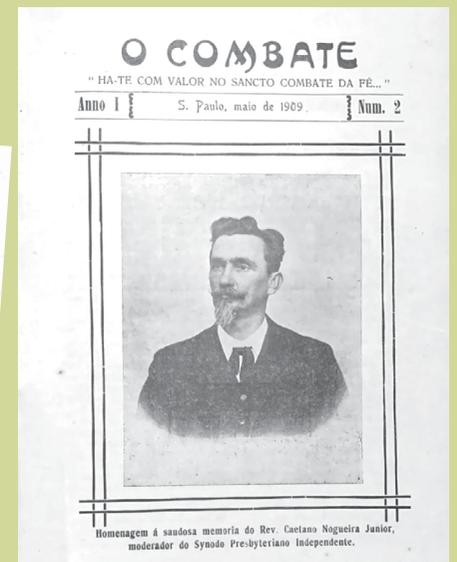


Rev. Sherlock Nogueira, neto do Rev. Caetano

O REV. CAETANO NOGUEIRA JUNIOR TAMBÉM FOI TEMA ESPECIAL NOS JORNAIS



O Estandarte registrou a vida, obra e muitas homenagens ao Rev. Caetano Nogueira Junior



Quando o Rev. Caetano faleceu, o jornal "O Combate", que era o jornalzinho interno dos alunos do Seminário, prestou uma homenagem para ele. Capa do número de maio de 1909

A gravura que se apresenta aos vossos olhos, é uma homenagem ao ilustre pastor. Ali, na camera humilde, renoua um momento de sua vida, quando se encontra com seus amigos e companheiros. Da sua abnegação, do seu zelo cristão, da sua piedade, todos sabem. Viveu humilde, sempre afastado dos grandes centros, preferindo o campo à cidade, o marrom também hu...



Túmulo do Rev Caetano, em Ariranha. Durante visita, em 31 de janeiro de 1954, pelos Rev. Rubens Cintra Damiano, seu filho Rubens, Rev. Sherlock e o Rev. Freddi

UMA INSPIRAÇÃO MISSIONÁRIA PERMANENTE!

Em 1987, sob a liderança de seu presidente, Presb. Adair Sérgio Camargo, a Confederação Nacional do Umpismo criou o “Projeto “Caetaninho”, que visava a colocar jovens universitários e seminaristas da IPI do Brasil, habituados ao meio urbano, em contato com o universo das missões, prestando serviços às comunidades de acordo com suas áreas de estudo.

A primeira experiência aconteceu no campo de Rolim de Moura e Alta Floresta, Rondônia, no mês de julho de 1987.

Mais de 100 anos depois da ordenação de Caetaninho, o seu nome continuava lembrado, inspirando a juventude quanto à missão da igreja no mundo.

É tempo de perguntar: qual era a compreensão que um homem como Caetano Nogueira Júnior tinha da missão da Igreja?

O jornal O Estandarte, na edição de 18/6/1931, registrou algo que nos propicia uma boa pista:

“Ao Rev. Caetano Nogueira Júnior (...) foi uma vez endereçada a pergunta: No que devemos em-

pregar o dízimo? E ele respondeu: Devemos empregá-lo para glória de Deus e para o bem das almas. Devemos dá-lo para as Missões Nacionais, para manutenção das escolas cristãs, para os hospitais cristãos, para a edificação das casas de culto, para o sustento dos ministros evangélicos, para os pobres de nossa igreja; enfim, devemos fazer bom uso dos talentos que Jesus nos tem confiado para honra de seu santo nome. E, dada a resposta, fez o dedicado servo do Senhor um apelo aos crentes para que, por meio da liberalidade, correspondessem aos benefícios recebidos de Deus.”

Se observarmos bem as palavras de Caetano Nogueira Júnior, veremos que, embora a pergunta se referisse ao dízimo, o pastor tratou-a como um tema missiológico. Ele pontuou claramente que os recursos levantados pela igreja aplicam-se em atendimento às demandas de Deus: evangelização, diaconia, educação, manutenção dos que se dedicam ao serviço do Senhor e, particularmente, ao atendimento aos pobres.

Guardadas as proporções e levados em conta os diferentes contextos e tempos, são muito parecidos os desafios missionários de ontem e hoje.

O presente e o futuro continuam a desafiar a igreja para a missão entregue por Deus, da maneira como está expressamente declarada em 1 Pedro 2.9-10: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia”.

E o Caetaninho, com seu legado de humildade, abnegação e comprometimento, continuará a nos inspirar nessa tarefa da proclamação das virtudes de Cristo! >REV. ÉBER FERREIRA SILVEIRA LIMAS, PASTOR DA IPI DO CAMBUÇI, SÃO PAULO, SP, E CURADOR DO MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO “REV. VICENTE THEMUDO LESSA”

MAIS DE 100 ANOS DEPOIS DA ORDENAÇÃO DE CAETANINHO, O SEU NOME CONTINUAVA LEMBRADO, INSPIRANDO A JUVENTUDE QUANTO À MISSÃO DA IGREJA NO MUNDO. É TEMPO DE PERGUNTAR: QUAL ERA A COMPREENSÃO QUE UM HOMEM COMO CAETANO NOGUEIRA JÚNIOR TINHA DA MISSÃO DA IGREJA?

Este artigo também incorpora informações sobre a vida e o ministério do Rev. Caetano Nogueira Júnior encontradas em textos dos seguintes autores: Benedito Ferraz de Campos, Horácio Nogueira, Vicente Themudo Lessa, Sherlock Nogueira, Júlio Andrade Ferreira e Alderi Souza de Matos.

O MUSEU HISTÓRICO DA IPI DE IEPÊ

O Museu Histórico da IPI de Iepê foi inaugurado há 27 anos, no dia 17/4/1994. Deste então, ele se manteve em funcionamento – ainda que em espaços diferentes – à exceção do período atual de isolamento motivado pela pandemia.

Sua organização se deve em grande medida ao trabalho de Denise Araújo Moraes Abreu Mota, esposa do Rev. Ary Sérgio, que pastoreou a IPI de Iepê no período de 1992 a 1999.

Graças à dedicação da Denise e de outros irmãos da igreja que a auxiliaram foi possível vencer os desafios para a abertura desse espaço. Após a mudança do Rev. Ary e família, ao final de 1999, a coordenação do museu ficou a cargo de Nejme Zakir, que permanece até hoje na sua curadoria.

No início, a grande dificuldade enfrentada foi a falta de um local adequado para sua instalação. O museu foi inicialmente instalado numa antiga cozinha da igreja e, posteriormente, adaptado em uma sala do templo, utilizada para aulas da Escola Dominical.

No ano de 2008, foi transferido para o local onde permanece até hoje – um prédio comercial da igreja que, anteriormente, era alugado a terceiros.

No ano de 2013, através de um convênio com o Ponto de Cultura, foi possível a realização de melhorias nas instalações que, embora ainda não sejam ideais, apresentam um grande avanço em relação ao que existia anteriormente.

O acervo foi obtido através de doações de irmãos da igreja, de



irmãos de outras cidades que, no passado, congregaram em nossa comunidade, e também de moradores de Iepê.

O museu dedica um espaço para a história do município de Iepê, que se entrelaça à história da IPI.

Entre os objetos que compõem o acervo estão: instrumentos da banda de música da IPI de Iepê, que atuou nas décadas de 1950 e 1960; o antigo órgão de pedal, datado do final da década de 1920; peças do mobiliário do templo; outras peças antigas, tanto da igreja como de moradores da cidade; e muitas fotos e documentos, dentre eles os jornais editados pelos *umpistas* desde a década de 1950 até a década de 1980.

Todo o acervo de fotos foi digitalizado e há uma tela para exposição virtual.

Em períodos normais, o museu é aberto de segunda a sexta-feira e também aos finais de semana, quando há eventos na igreja com a presença de visitantes.

Recebe também estudantes das escolas da cidade e de outros municípios que visitam o Museu Arqueológico de Iepê, também chamado Museu do Índio. Este museu foi criado a partir da descoberta de peças indígenas no município, como urnas funerárias e outros objetos.

Como os dois espaços situam-se próximos um do outro, aqueles que visitam o Museu Arqueológico também visitam o Museu Histórico da IPI de Iepê.

Parece-nos interessante observar que, há 27 ou 30 anos, havia ainda pessoas idosas que participaram da fundação da IPI de Iepê em 1921, e

era possível, naquela época, conhecer nossa história diretamente daqueles que dela participaram.

Hoje, essas pessoas não estão mais entre nós e, praticamente, não existe mais a tradição de nos sentarmos para ouvir os mais velhos contarem histórias.

Dessa forma, a criação do museu foi uma importante iniciativa para a preservação de nosso passado.

Fica, pois, um incentivo para que as igrejas preservem suas histórias – não necessariamente através da criação de museus, mas empenhando-se para, de alguma forma, manter o registro de suas memórias com textos, fotos e documentos, de modo que elas não se percam!

Isso não significa viver no passado. Não se pode viver no passado, como também não se pode jogá-lo no lixo. Acredito que conhecer de onde viemos pode nos indicar onde queremos – ou podemos – chegar.

Creio ainda que a atenção à história auxilia na preservação da própria igreja, para que não morra. A preservação do povo judeu – e da memória da fidelidade de Deus – também se deve à tradição de transmissão da história do povo de geração em geração, de forma que os mais novos não se esqueçam de onde vieram.

É isso o que nos diz a Bíblia: “O que ouvimos e aprendemos, o que nos contaram nossos pais, não o encobriremos a seus filhos; contaremos à vindoura geração os louvores do Senhor, e o seu poder, e as maravilhas que fez” (Sl 78.3-4).> **PRESB. JOSÉ ULISSES ANÍSIO SANT’ANA MÁLAQUE, MEMBRO DA IPI DE IEPÊ, SP**



A JUNTA DE MISSÕES E O CURSO DE MISSIOLOGIA

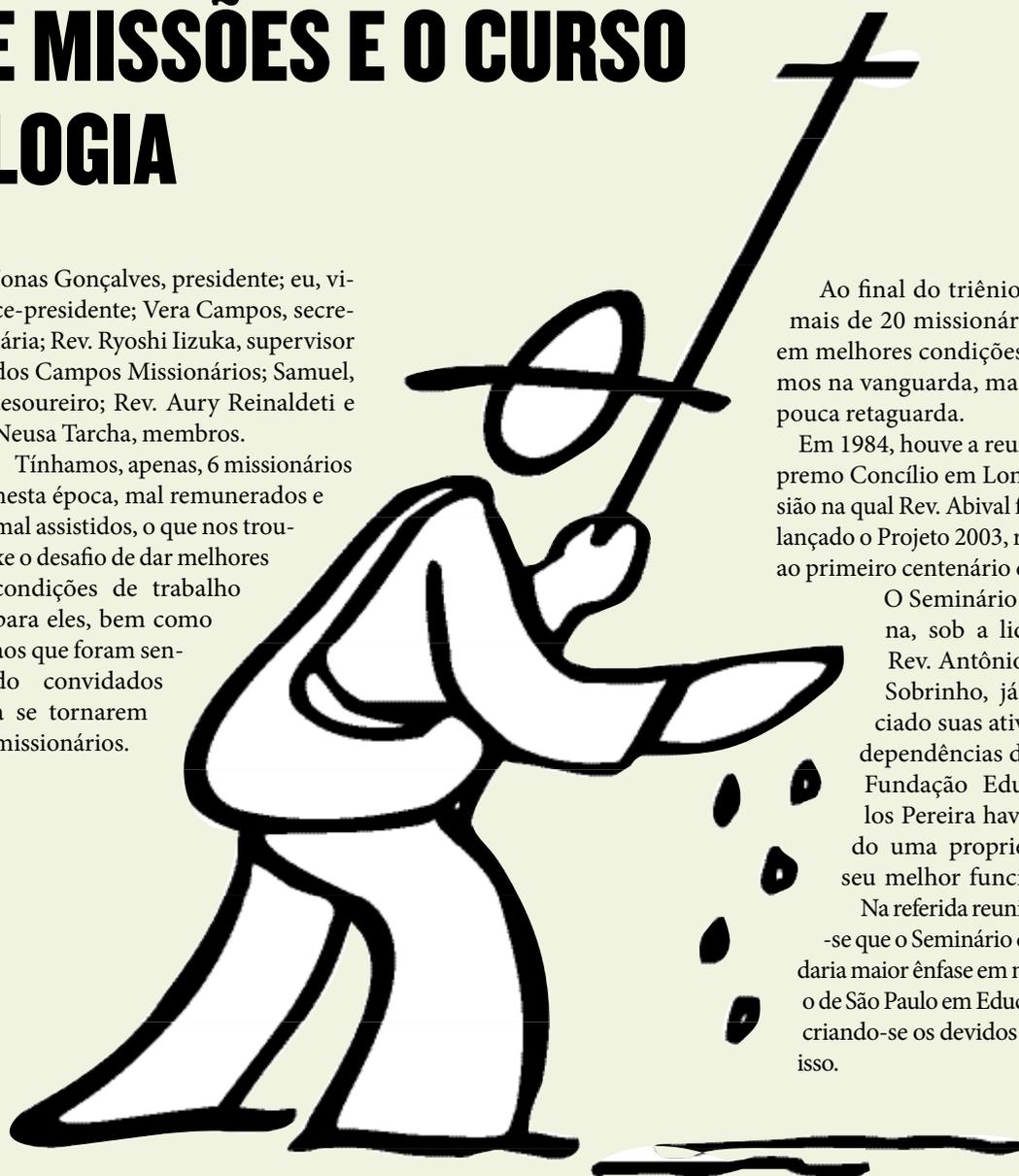
Em 1981, no Supremo Concílio na IPI de Casa Verde, São Paulo, SP, quando da eleição do primeiro mandato da diretoria liderada pelo Rev. Abival Pires da Silveira, meu pai, Rev. Luthero Cintra Damiano, que, em 1951, junto com Rev. Nicola Aversari, propusera a criação da Junta de Missões, era representante do Presbitério de Assis e indicou meu nome ao Rev. Assir Pereira, responsável pelas indicações das comissões, para compor a Junta de Missões, visto que, desde o início do meu ministério, procurei envolver as igrejas locais na obra missionária.

Depois de dois anos na IPI de Paraguaçu Paulista (1979-1980), em 1981, estava iniciando meu pastorado na IPI de Martinópolis, quando recebi a nomeação.

Na primeira reunião, em São Paulo, foi eleita a diretoria para o triênio de 1981 a 1983 que ficou assim constituída: Rev.

Jonas Gonçalves, presidente; eu, vice-presidente; Vera Campos, secretária; Rev. Ryoshi Iizuka, supervisor dos Campos Missionários; Samuel, tesoureiro; Rev. Aury Reinaldeti e Neusa Tarcha, membros.

Tínhamos, apenas, 6 missionários nesta época, mal remunerados e mal assistidos, o que nos trouxe o desafio de dar melhores condições de trabalho para eles, bem como aos que foram sendo convidados a se tornarem missionários.



Ao final do triênio, tínhamos mais de 20 missionários e todos em melhores condições. Melhoramos na vanguarda, mas tínhamos pouca retaguarda.

Em 1984, houve a reunião do Supremo Concílio em Londrina, ocasião na qual Rev. Abival foi reeleito e lançado o Projeto 2003, referindo-se ao primeiro centenário da IPIB.

O Seminário de Londrina, sob a liderança do Rev. Antônio de Godoy Sobrinho, já havia iniciado suas atividades nas dependências da 1ª IPI e a Fundação Eduardo Carlos Pereira havia comprado uma propriedade para seu melhor funcionamento.

Na referida reunião, decidiu-se que o Seminário de Londrina daria maior ênfase em missiologia e o de São Paulo em Educação Cristã, criando-se os devidos cursos para isso.



Propriedade onde funcionava o Seminário de Londrina e a Junta de Missões



Rev. Paulo de Melo Cintra Damião e sua família à época de seu trabalho no Seminário de Londrina

Nesta reunião, eu fui como um dos representantes do Presbitério de Assis e fui, novamente, nomeado para compor a Junta de Missões, com os Revs. Jonas, presidente; eu, vice-presidente; Rev. Ryoshi, supervisor; Revs. Aury, Weber Braidoti, Antônio Carlos Nasser e Presb. Os-

valdo Fantasia, como membros.

Em 1984, num momento de meditação na Palavra, levando em conta a compreensão de um chamado para trabalhar mais diretamente na retaguarda da obra missionária e a decisão da criação do curso de missiologia em Londrina, decidi colocar em



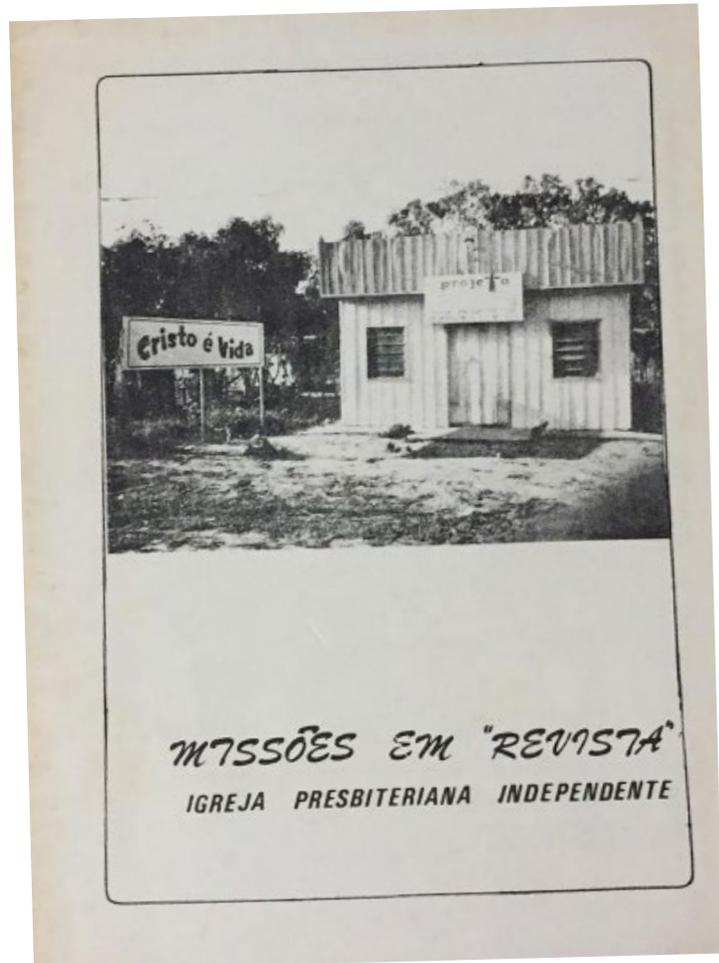
Rev. Lutero Cintra Damião, líder do antigo Presbitério do Oeste

RAZÕES E OBJETIVOS PARA CRIAÇÃO DA JUNTA DE MISSÕES

- 1 Ajudar a estabelecer uma ponte entre o curso de missiologia com a Junta de Missões;
- 2 Desafiar alunos a se envolverem com a obra missionária, ou como missionários ou motivando suas futuras igrejas a fazê-lo;
- 3 Enviar equipes missionárias, compostas de seminaristas, para os diferentes campos atendidos pela Junta ou a serem implantados;
- 4 Visitar as igrejas locais, promovendo o trabalho da Junta de Missões, despertando vocações, envolvendo cada uma delas com um dos missionários, para o sustento espiritual, em oração, emocional, através de contatos com cartas, telefonemas, e financeiro, através de ofertas;
- 5 Visitar os campos missionários para ter uma visão real da nossa situação;
- 6 Envolver a IPIB nas principais discussões sobre a obra missionária, através de congressos e conferências missionárias.

O PROJETO FOI APROVADO E PARTIMOS PARA VER SE DEUS O CONFIRMAVA ATRAVÉS DOS SEGUINTE PASSOS:

- 1 Apresentar o projeto à Junta de Missões, que o aprovou;
- 2 Levantar os recursos necessários, que foram obtidos;
- 3 Encontrar um pastor para me substituir em Martinópolis, o que aconteceu, confirmando definitivamente a aprovação de Deus para o projeto.



“Missões em Revista”, boletim informativo de divulgação da Junta de Missões da IPI do Brasil

TÍNHAMOS, APENAS, 6 MISSIONÁRIOS NESTA ÉPOCA, MAL REMUNERADOS E MAL ASSISTIDOS, O QUE NOS TROUXE O DESAFIO DE DAR MELHORES CONDIÇÕES DE TRABALHO PARA ELES, BEM COMO AOS QUE FORAM SENDO CONVIDADOS A SE TORNAREM MISSIONÁRIOS

prova, diante de Deus, a decisão de me mudar para Londrina e fazer uma ponte entre o curso de missiologia e a Junta de Missões, visando unir teoria e prática.

Depois de conversar com minha esposa Léia Maria, agendamos uma conversa com os Revs. Godoy, diretor, e Silas Barbosa Dias, deão do Seminário de Londrina, para expor nosso projeto.

O pedido foi para que fosse liberada uma sala nas dependências do Seminário, já em sua sede própria, onde pudesse funcionar o Departamento de Promoção da Junta de Missões.

Mudamos em 1985 para Londrina.

Um dos professores do Seminário era o pastor presbiteriano Rev. Antônio Carlos Barro, que havia terminado seu mestrado em missiologia no Seminário de Fuller, nos Estados Unidos, e o Rev. Godoy o nomeou, juntamente comigo, para apresentarmos uma proposta para o curso de missiologia

Decidimos propor a criação do curso de especialização em missiologia, com duração de dois, após o aluno terminar o terceiro ano.

A proposta foi aprovada pela Congregação do Seminário e iniciamos em 1986 com vários alunos, dos quais, muitos estão servindo a Deus na IPIB.

Com isso, o Departamento de Promoção da Junta de Missões foi fundamental para a criação do Curso de Missiologia no Seminário de Londrina.

Várias vezes fui convidado para pregar nos cultos do Seminário, visitei classe por classe para falar da Junta de Missões e formamos várias equipes missionárias de seminaristas que visitaram vários campos.

Visitei igrejas em todos os Estados do Brasil, com exceção do Acre e do Tocantins, sendo que, em 1985, levei o primeiro “Fusca” missionário para Rondônia, deixando-o com o Rev. Adevanir Silva, em Rolim de Moura. Rondônia era a bola da vez para a Junta de Missões e, hoje, temos um Presbitério no referido Estado.

Em 1986, fui nomeado pela Junta de Missões para representar a IPIB no Congresso de Evangelistas em Amsterdam, promovido pela Associação Billy Graham, com as despesas de viagem por minha conta, e no 1º Congresso Missionário Ibero-Americano (COMIBAM), em 1987, tendo sido eleito 1º secretário do Comitê Brasileiro e vários alunos do Seminário de Londrina fizeram parte das equipes de trabalho.

Em 1991, iniciei o mestrado em missiologia no Centro Evangélico de Missões, em Viçosa, MG. Como fruto desse mestrado nasceu o livro: “A Ecologia e o Ministério da Reconciliação”, no qual abordo a importância de incluirmos no conteúdo da evangelização nossa responsabilidade com o jardim de Deus.

No final de 1986, com a jubilação do meu pai, a IPI Central de Presidente Prudente convidou-me para assumir a titularidade a partir de 1987. Aceitei o convite, passando minha função de secretário executivo da Junta de Missões ao Rev. Mathias Quintela de Souza.

Continuei sendo nomeado para compor a Junta de Missões até 1994. Foram 14 anos, ininterruptos e, talvez, o mais longo de todos os seus membros.

Com a posse da atual diretoria da Assembleia Geral, em agosto de 2019, assumi a coordenação do Ministério da Missão, mas, no início do ano passado, quando minha mãe, D. Santa, adoeceu e veio a falecer, pedi para que fosse nomeada outra pessoa e, hoje, faço parte do Grupo de Apoio, ajudando o Rev. Caio, secretário de Evangelização, nas decisões da Secretaria.

Louvo a Deus por ter aprendido e contribuído, de alguma maneira, para a melhoria da obra missionária da nossa querida IPIB.
>REV. PAULO DE MELO CINTRA DAMIÃO, MINISTRO JUBILADO DA IPIB E VOLUNTÁRIO NAS IPIs DO VALE DO SOL E ARENA ZONA SUL, EM PRESIDENTE PRUDENTE, SP

